

Elaine Alves

LELES

Marinalva Nunes

FERNANDES



Memórias itinerárias:

Educação de Jovens e Adultos (EJA)
em Bom Jesus da Lapa - BA



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (DCH)
CAMPUS VI – CAETITÉ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO,
LINGUAGEM E SOCIEDADE (PPGELS)**

ELAINE ALVES LELES

**MEMÓRIAS ITINERÁRIAS: EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS (EJA) EM BOM JESUS DA LAPA - BA**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), *Campus VI – Caetité*, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Ensino, Linguagem e Sociedade.

Área de concentração: Ensino, linguagem e sociedade

Linha de Pesquisa: II – Ensino, saberes e práticas educativas

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marinalva Nunes Fernandes

CAETITÉ-BA

2023

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: Memórias itinerárias: Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Bom Jesus da Lapa – BA.

ORIGEM: Trabalho de Dissertação intitulado “MEMÓRIA E HISTÓRIA: TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO MUNICÍPIO DE BOM JESUS DA LAPA – BA”, desenvolvido no Mestrado Profissional em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), *Campus VI – Caetité – BA*.

NÍVEL DE ENSINO A QUE SE DESTINA: Educação Básica e Ensino Superior.

ÁREA DE CONHECIMENTO: Educação.

PÚBLICO ALVO: Alunos, professores e pesquisadores do campo da EJA de Bom Jesus da Lapa - BA e demais interessados na temática.

CATEGORIA: Atividade de Ensino.

FINALIDADE: Formação e ensino.

ORGANIZAÇÃO GRÁFICA: Elaine Alves Leles.

REGISTRO: Biblioteca da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), *Campus VI – Caetité – BA*.

FICHA TÉCNICA

AValiação: Avaliado e aprovado pela banca de defesa.

- Prof.^a Dr.^a Marinalva Nunes Fernandes
(Orientadora – PPGELS / UNEB, *Campus VI – Caetité*)
- Prof. Prof. Dr. Nivaldo Osvaldo Dutra
(Membro interno – PPGELS / UNEB, *Campus VI – Caetité*)
- Prof.^a Dr.^a Marilde Queiroz Guedes
(Membro externo – PPGCHS / UFOB, *Campus Barreiras*)

DISPONIBILIDADE: Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do Produto Educacional, não sendo permitido o uso comercial à terceiros.

DIVULGAÇÃO: Por meio digital.

APOIO FINANCEIRO: Custeado pela autora.

URL: Acessível no site do repositório institucional da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) - SaberAberto (<http://saberaberto.uneb.br/>), gratuitamente.

IDIOMA: Português.

CIDADE/ESTADO/PAÍS: Caetité/Bahia /Brasil.

MÊS /ANO: Abril/2023.

NOTAS SOBRE AS AUTORAS

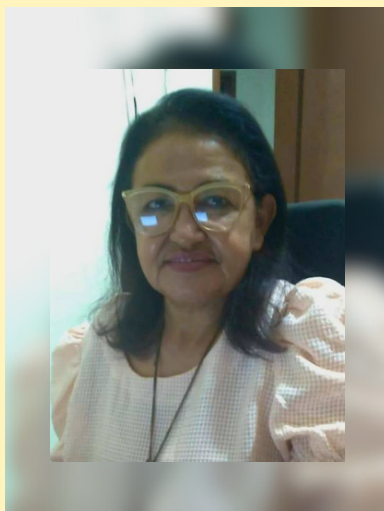


Elaine Alves Leles

Autora

Mestra em Ensino, Linguagem e Sociedade pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb); Especialista em Gestão Pública pela UAB/Uneb; Especialista em Informática em Educação pela Universidade Federal de Lavras (Ufla); Pedagoga pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb); Analista Universitária (Pedagoga) da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) / *Campus XVII*; e Professora do Município de Bom Jesus da Lapa - BA.

NOTAS SOBRE AS AUTORAS



Marinalva N. Fernandes

Orientadora

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/GO; Professora da Universidade do Estado da Bahia / Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade; e membro do Grupo de Pesquisa Cultura, Sociedade e Linguagem (GPCSL), vinculado à Universidade do Estado da Bahia (Uneb) / Campus VI - Caetité e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

APRESENTAÇÃO

Esta Cartilha, intitulada "**Memórias itinerárias: Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Bom Jesus da Lapa - BA**", é produto da pesquisa "Memória e história: trajetória da Educação de Jovens e Adultos no município de Bom Jesus da Lapa - BA", desenvolvida no Mestrado Profissional em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS/Uneb), vinculada à área de concentração – ensino, linguagem e sociedade e linha de pesquisa II – ensino, saberes e práticas educativas.

Tem como objetivo registrar o apontamento sumário e introdutório sobre alguns aspectos da EJA no município lapense, de modo que possa veicular as informações da pesquisa com maior eficiência na sociedade, com proposta de propagação superior ao trabalho impresso da dissertação (RIZZATI et al., 2020).

Esta produção e sua consequente integração aos arquivos do sistema educacional lapense, promove a garantia do direito de acesso à informação, regulamentado pela Lei de acesso à informação - Lei n.º 12.527, de 18 de novembro de 2011, que se constituiu como um marco importante para a sociedade brasileira exercer seus direitos, bem como a definição de documentos, considerando aqueles “[...] portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 1988), como um dos elementos que compõem o patrimônio cultural brasileiro, conforme instituído no § 2º do artigo 216 da CRFB de 1988.

SUMÁRIO

1 MEMÓRIA E HISTÓRIA: CAMINHOS DA PESQUISA	10
2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)	13
21 MARCOS FUNDAMENTAIS DA EJA	14
3 MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO (MOBRAL)	16
4 O MOBRAL EM BOM JESUS DA LAPA-BA	18
4.1 O MOBRAL LAPENSE: NARRATIVAS DOS INTERLOCUTORES	20
5 PARA REFLETIR	24
REFERÊNCIAS.....	25

MEMÓRIA E HISTÓRIA: CAMINHOS DA PESQUISA

“[...] a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”
(LE GOFF, 1996, p. 423)



A memória, quando registrada, pode promover a construção de documentos que possibilitam a compreensão da história.



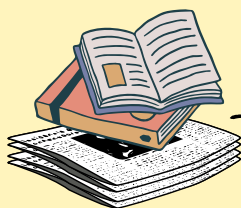
Algumas técnicas podem ser utilizadas para reconstituir a história, como por exemplo, a **pesquisa documental** e as **entrevistas**.

MEMÓRIA E HISTÓRIA: CAMINHOS DA PESQUISA

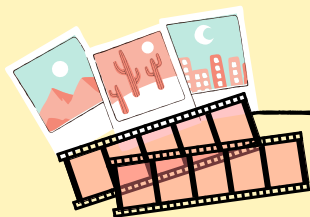
Tipos de fontes que podem ser utilizadas em pesquisas:



Ofícios, memorandos e relatórios são documentos que podem ser utilizados para analisar a memória oficial.



Os livros e jornais são publicações que podem contribuir para a análise da memória literária e jornalística do período pesquisado.



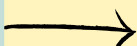
As fotografias e produções audiovisuais podem contribuir para análises do contexto social vivenciado.



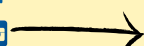
A oralidade dos sujeitos entrevistados pode instigar as memórias daqueles que vivenciaram as experiências do período e temática pesquisada.

MEMÓRIA E HISTÓRIA: CAMINHOS DA PESQUISA

Esses documentos podem ser encontrados em alguns lugares específicos, como:



Instituições públicas ou privadas, podem reunir um arcabouço de material que guarda a memória do órgão. Como exemplo desses espaços, temos as escolas e bibliotecas.



Com as evoluções tecnológicas, muitos arquivos encontram-se digitalizados e disponíveis em sites específicos na internet.



Dica

Para a realização de uma pesquisa com memória, é recomendável sempre possuir um **diário de campo** (também conhecido como diário de bordo) para anotar todas as percepções e acontecimentos que encontrar.



EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é garantida enquanto modalidade da Educação Básica pela Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), e como direito de todo cidadão brasileiro que por algum motivo não concluiu etapas de ensino no período ou idade/ano letivo regular, assegurado pela Constituição da República Federativa do Brasil desde o ano de 1988.

Embora, as políticas públicas para essa modalidade de ensino ainda sejam insuficientes e a EJA tem assumido um caráter de ensino compensatório e excludente, ela atende aproximadamente 3.002.749 estudantes, segundo o Censo do INEP em 2020.

A EJA, enquanto política pública, é uma pauta dos movimentos sociais que compreendem as escolas não só como espaços de alfabetização, mas também de sociabilidade e construção da autonomia cidadã, possibilitando as populações adultas e idosas a ressignificação de suas aprendizagens ao longo da vida e o aprendizado de novos saberes.



MARCOS FUNDAMENTAIS DA EJA

Educação católica imposta aos povos originários durante o Brasil Colônia

1549

Educação Jesuítica (1549-1759)

Escolas noturnas

1854

Criação das escolas noturnas para atender trabalhadores

Cria uma Secretaria de Estado com a denominação de Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública

1930

Decreto nº 19.402, de 14 de Novembro de 1930

CREB de 1934

1934

Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 16 de julho de 1934

Primeira iniciativa governamental para a educação de jovens e adultos no Brasil

1947

Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA)

Paulo Freire

1950

Pedagogia de Paulo Freire propõe uma educação libertadora.

Institui o Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura

1964

Decreto n.º 53.465, de 21 de janeiro de 1964

CRFB de 1967

1967

Constituição da República Federativa do Brasil de 24 de janeiro de 1967

MARCOS FUNDAMENTAIS DA EJA

Provê sobre a alfabetização funcional e a educação continuada de adolescentes e adultos

1967

Lei n.º 5.379, de 15 de dezembro de 1967

Decreto n.º 62.455, de 22 de março de 1968

1968

Institui Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral)

Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1.º e 2.º graus

1971

Lei n.º 5.692, de 11 de agosto de 1971

Decreto n.º 91.980, de 25 de novembro de 1985

1985

Redefine os objetivos do Mobral, altera sua denominação e dá outras providências

Constituição da República Federativa do Brasil de 5 de outubro de 1988

1988

CRFB de 1988

Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996

1996

Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional

Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos

2000

Resolução CNE/CEB n.º 01, de 05 de julho de 2000

Lei n. 10.172, de 09 janeiro de 2001

2001

Aprova o Plano Nacional de Educação

MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO (MOBRAL)

Durante o período de 1964 a 1985, o governo brasileiro regido pelos militares, estabeleceu por meio do Decreto nº 62.455, de 22 de março de 1968, a Fundação denominada de Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), com o objetivo de erradicar o analfabetismo entre os jovens e os adultos em 10 anos.

Pelo amor de Deus, ensine alguém a ler.

Se você é prefeito, empresário, estudante, você pode ajudar.
Se você dirige um sindicato, uma organização religiosa, uma associação, você pode ajudar.
Então ajude.
O Mobral vai alfabetizar 7 milhões de brasileiros até 1973.
E deixará este país sem um analfabeto, em dez anos. Isso tudo já começou. O Movimento Brasileiro

de Alfabetização já está funcionando em 437 cidades. E está precisando de sua ajuda.
Vá procurar o Mobral de sua cidade e veja o que você pode fazer.
Ou então escreva ao Mobral: Rio - Rua da Imprensa, 16 - Edifício do Ministério da Educação.
Mas, pelo amor de Deus, não deixe a chance a quem nunca teve nenhuma.

MOBRAL
MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO

20 ANOS
Iniciativa das revistas Abril de apoio ao Mobral



A educação promovida pelo Mobral era organizada de modo tradicional, promovendo a alfabetização funcional e educação continuada para pessoas de 15 anos ou mais, por meio de cursos condizentes com a proposta ideológica do regime militar.

Propaganda divulgada pela Editora Abril em 1970.



MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO (MOBRAL)

O Mobral contava com o apoio de um material didático unificado, confeccionado para todo o país. Tratava-se de um kit com cartilhas para leitura e escrita, ensino de matemática e ainda um jornal que constituía o material de leitura complementar.

As cartilhas foram um dos materiais mais utilizados para o ensino das letras durante o Mobral. Normalmente, elas vinham com ilustrações e palavras que remetiam ao cotidiano, a família ou ao futebol, para construção de uma ideia de unidade nacional.

Esportes como o futebol foram utilizados como possibilidade de disseminar a ideologia militar e "neutralizar" possíveis oposições ao governo. As pessoas eram estimuladas a torcer pela seleção ou pelo seu time de coração em casa, através das transmissões de rádio ou de televisão, formando uma só torcida em prol da nação (OLIVEIRA; SOUZA, 2013).



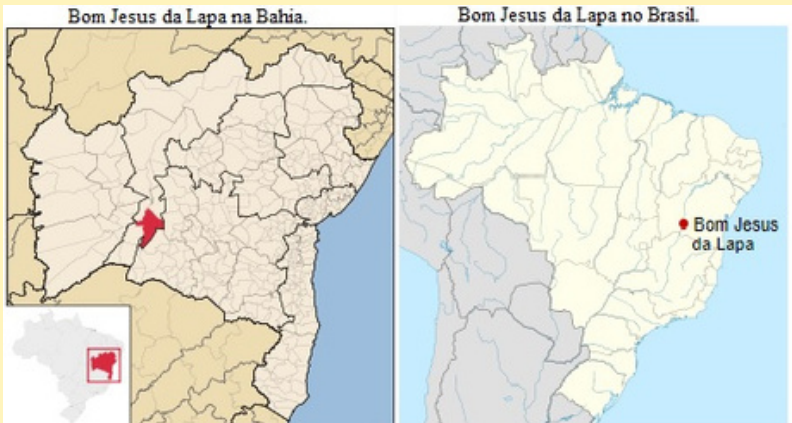
Fonte: OLIVEIRA; SOUZA, 2013.

O MOBRAL EM BOM JESUS DA LAPA-BA

Em Bom Jesus da Lapa - BA, muitos registros históricos sobre a EJA se perderam por decorrência de episódios do passado, como por exemplo, a enchente de 1979 ou a troca de governos municipais, quando documentos são descartados sem o critério de seleção devido. Assim, para a reconstituição da história da EJA lapense, no período de 1970-1990, foi necessário o desenvolvimento de entrevistas semiestruturadas com atores sociais e institucionais que atuaram na modalidade, no âmbito municipal, em diferentes momentos históricos, dentro do marco temporal investigado.



Localização da cidade de Bom Jesus da Lapa - BA:



Fonte: Adaptado do Wikipédia (2022).

O MOBRAL EM BOM JESUS DA LAPA-BA

Inicialmente, o Mobral na cidade lapense foi desenvolvido da seguinte forma:



As classes foram implantadas em salas cedidas por instituições públicas ou privadas, além de salões de templos religiosos ou espaços físicos de civis, como residências.



A escolha das professoras alfabetizadoras era realizada de acordo com o nível de escolaridade por uma Freira Vicentina.



A gestão e os serviços de apoio do Movimento eram realizados voluntariamente pela população civil.



Somente as professoras alfabetizadoras recebiam pagamentos. Posteriormente, a coordenadora que sucedeu a Freira Vicentina também passou a receber.

O MOBRL LAPENSE: NARRATIVAS DOS INTERLOCUTORES ¹

Lió Dourado, que era o prefeito na época, logo que assumiu a cadeira, me convidou pra presidir o extinto Mobral, que eu me lembro que foi criado no governo do general Costa e Silva e a administração era de total responsabilidade do prefeito municipal, que me chamou porquê precisava dessa figura pra cidade continuar com o convênio que era renovado de tempos em tempos. Tinha que ter a equipe do município com presidente, encarregado financeiro e a supervisão municipal. Tudo isso pra funcionar, mas ainda não tinha. Aqui na cidade, era a Irmã Catarina que cuidava de tudo no São Vicente desde o começo, que foi no mandato de Anísio Ribeiro.

Sr. Lírio, 92 anos (Ex-presidente).

A gente se juntava pra ajudar a Irmã Catarina em tudo, mas minha parte mesmo no Mobral era de encarregado financeiro. Eu fui indicado porque fui aluno do curso de contabilidade no São Vicente e também porque já trabalhava como professor da casa. Minha função era basicamente de tesouraria. Pra fazer a folha de pagamento, que era de acordo com a frequência que a Irmã passava. Também pra preencher os cheques pro pagamento das professoras. Era o presidente e a supervisora que fazia a conferência e assinavam esses documentos comigo. Existia uma conta corrente do Mobral no Banco do Brasil, onde eram creditados esses valores pra pagamentos das professoras, porque eram somente elas que recebiam pelo trabalho. O restante era todo voluntário.

Sr. Girassol, 87 anos (Ex-encarregado financeiro).

Eu tinha acabado de concluir o curso normal quando o Mobral chegou por aqui, mas eu já atuava num turno como professora no Ginásio Bom Jesus antes de concluir. [...] Na época, lembro que a sede do Mobral ficou lá no São Vicente, onde tinha também várias salas à disposição do projeto. Lembro que teve muita propaganda na rádio da diocese pra quem pudesse trabalhar como alfabetizadora. Aquelas interessadas, se inscrevia e participava da inscrição que era realizada pela prefeitura, e assim eu fiz, mas a maioria dos cadastros era a Irmã Catarina que encaminhava pra contratação pela prefeitura. A Irmã era muito cuidadosa e comprometida, e fazia questão de acompanhar tudo de perto.

Sr.^a Orquídea, 76 anos (Ex-alfabetizadora).

¹ Todos os participantes da pesquisa tiveram suas identidades preservadas, tendo exposto suas falas a partir do pseudônimos.

O MOBREAL LAPENSE: NARRATIVAS DOS INTERLOCUTORES

Eu tive pouca chance de estudar quando era criança e adolescente, porque já precisei sair da escola pra trabalhar na roça e de pescador quando tinha 11 anos. E nesse tempo, essa foi a mesma história de muitos por aqui. [...] Depois, eu fui embora buscar melhor oportunidade de trabalho, mas foi muito difícil pela falta de estudo mesmo. [...] Aí, quando eu voltei pra cá, já com uns 28 anos, uma professora me falou e chamou pra ser aluno do Mobreal que começou aqui, porque as professoras iam de casa em casa, fazendo convite pros adultos que não tiveram estudo, e na mesma hora, sem pensar, eu aceitei e fiz a matrícula com ela, porque fiquei surpreso e feliz com o projeto. [...] Na época eu já tinha muita necessidade porque tinha pouca leitura e fui admitido no emprego aqui, que precisava de escolaridade, que foi onde trabalhei até me aposentar. [...] Depois do Mobreal, que tive o certificado de conclusão da 4ª série em 73, eu participei da prova de admissão e consegui me matricular na 5ª série do curso ginasial no Frei Francisco da Soledade, que fiz os 4 anos, e depois estudei até concluir o curso técnico de contador.

Sr. Cravo, 79 anos (Ex-aluno).

O Mobreal teve bastante ajuda da sociedade aqui, porque muita gente se envolveu de várias formas pra dar apoio e ajudar a funcionar. Aí, a gente pode citar escolas particulares que colaboraram com a liberação de salas de aulas, porque o Mobreal funcionava à noite. [...] Teve grupos comunitários de igrejas, tanto católica quanto evangélica, pessoas do centro espírita, da maçonaria [...] que saíam com a gente por aí, muitas vezes usando lampião a gás, convidando e levando gente pras salas de aula esparramadas em casas de alfabetizadoras e de pessoas que quiseram ajudar e emprestaram suas propriedades. [...] Porque o trabalho era de porta em porta, pra convencer analfabetos, buscar salas e organizar os cursos, que funcionavam à noite aproveitando prédios de escolas e salão de igrejas, além de residências que pudessem ser utilizadas como classe do projeto. [...] Tinha também, o pedido pros matriculados pra que comparecessem nas aulas e pros que já frequentavam, pra que não abandonassem. Quando faltavam ou apresentavam dificuldades, íamos nas casas pra buscar alunos e dar aula de reforço até em finais de semana, sempre prestando assistência e motivando pra que não desistissem. Além disso, era feito o pedido pros alfabetizados pra que ajudassem na divulgação e incentivo pra matrícula de novos alunos. Aí, muita gente foi amigo do Mobreal.

Sr.ª Rosa, 79 anos (Ex-supervisora municipal).

O MOBRAL LAPENSE: NARRATIVAS DOS INTERLOCUTORES

Nas turmas que trabalhei as aulas foram em salas emprestadas e eu me lembro de uma que foi no antigo Casebre da Prefeitura, onde hoje funciona o posto do Corpo de Bombeiros da cidade. [...] Naquele tempo era uma casa antiga e não tinha tudo que precisava pra funcionar a classe, mas lá tinha energia elétrica. Não era como a escola dos meus netos hoje, mas tinha cadeira pra todo mundo e dava pra trabalhar. Aí, lá no Casebre e nas turmas que funcionaram dentro da Marinha, do São Vicente e nas outras escolas, tinha um certo conforto, porque já tinha luz elétrica, principalmente nas escolas, porque tinha carteiras, quadro e giz. Já nas salas que funcionaram nas igrejas e casas, o trabalho era feito com muita dificuldade, porque em alguns desses locais ainda não tinha energia. Alguns não tinha nem assento pra todo mundo. Tinha gente que levava seu tamborete pra sentar.

Sr.^a Dália, 84 anos (Ex-alfabetizadora).

A supervisão de área só recebia treinamento presencial a cada seis meses, quando a prefeitura recebia ofício pra renovar convênio com o município, que era justamente quando o Mobral central já mencionava os supervisores de áreas pros treinamentos e reuniões. [...] Tivemos visita de representante do Mobral aí na cidade também, mas foi o mínimo. Esses encontros aconteciam mais fora mesmo, e eram dois ou três dias de atividade apenas, e quando retornava, eu me reunia com as equipes locais e alfabetizadoras em cada município da minha área de cobertura e realizava o curso de preparação e passava pra todos as orientações que eu havia recebido, que era tudo com base no manual que todos recebiam, e nesse material tinha todas as orientações pros trabalhos. A gente só precisava dar um reforço mesmo, [...] depois, no dia a dia, a supervisora municipal de cada cidade prosseguia com esse trabalho de apoio pedagógico.

Sr.^a Azaleia, 70 anos (Ex-supervisora de área).

A Irmã Catarina sempre cuidava em escolher para a nomeação das professoras, aquelas que considerava como as melhores alunas do curso normal do Ginásio São Vicente, com notas exemplares e conduta admirada por professores da casa [...] que passavam por processos de orientação, formação e treinamento para execução dos trabalhos do Mobral.

Sr. Girassol, 87 anos (Ex-encarregado financeiro).

O MOBRAL LAPENSE: NARRATIVAS DOS INTERLOCUTORES

Maria José Brandão (Irmã Catarina) com alfabetizadoras
e alunas do Ginásio São Vicente/1971.



Fonte: Acervo do Colégio Estadual São Vicente de Paulo, 2021.

Tinha carência por escola, porque as poucas unidades que tinha não oferecia todas as etapas escolares. Então, muitos lapenses não foram alfabetizados, e com isso, o índice de analfabetismo foi considerável naquele tempo. [...] Com a implantação do Mobral na Lapa, as autoridades locais trataram logo de mobilizar toda sociedade pra que a adesão fosse exitosa, já que não havia nenhuma ação educativa voltada pra adultos. [...] Foi uma campanha ostensiva que sensibilizou um número considerável de pessoas, desde jovens a idosos, que aderiram de imediato ao projeto, fazendo a matrícula. [...] De modo geral, o Mobral tinha um grande prestígio social e foi muito bem recebido por toda sociedade lapense. Havia a contribuição de pessoas idealistas do setor educacional que dedicavam seu tempo em trabalho voluntário e aqueles que cediam seus espaços por vários locais na cidade pro funcionamento de classes e realização de reuniões e eventos. [...] E por isso, a gente pode afirmar que todos abraçaram o Mobral. [...] Foi também graças ao esforço e boa vontade de todos aqueles que queriam o desenvolvimento de nossa cidade que o projeto teve bom êxito durante o tempo que operou.

Sr. Lírio, 92 anos (Ex-presidente).

Mobral

PARA REFLETIR

O período entre as décadas de 1970 e 1990 foi marcado pela vivência no regime ditatorial militar, que conseqüentemente afetou as políticas de educação, instituindo para os jovens e adultos o Programa Mobral. Na cidade de Bom Jesus da Lapa - BA, o Movimento foi a única ação desenvolvida para esse público na ocasião, marcando a geração dos sujeitos que participaram como educandos ou alfabetizadores.

O percurso histórico da modalidade de ensino, no âmbito municipal, foi caracterizado pelas vivências de práticas alfabetizadoras federalizadas ligadas diretamente a participação civil e suas instituições, especialmente as religiosas. Nessa perspectiva, a Igreja cumpre um papel central, sendo a organizadora dos processos de formação educativa na idade-série regular, tanto quanto no Mobral, a partir da coordenação de uma importante Freira Vicentina e de seus critérios de seleção para a participação das professoras alfabetizadoras.

Salas de aula do Ginásio São Vicente na década de 1970



Fonte: Acervo do Colégio Estadual São Vicente de Paulo, 2021.

REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988, 170 p. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 15 jun. 2020.

BRASIL. **Lei n.º 12.527, de 18 de novembro de 2011**. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal. Diário Oficial da União: edição extra, Brasília, DF: Presidência da República, 2011, p. 1, 18 nov. 2011. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm. Acesso em: 1 jul. 2020.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação básica 2020**: resumo técnico. Brasília : Inep, 2021.

LE GOFF, J. **História e Memória**. São Paulo, Editora da Unicamp, 1996.

OLIVEIRA, L. B. de; SOUZA, S. T. de. A alfabetização no Mobral, métodos e materiais didáticos (Uberlândia/MG, 1970-1985). **Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**, v. 1, n. 1, 2013.

RIZZATI, I. M. et al. Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. **ACTIO: Docência em Ciências**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-17, mai./ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/12657>. Acesso em: 30 abr. 2021.

